

O URAGUAI E OS PRIMÓRDIOS DO SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO

Ezequiel Bezerra Izaias de Macedo¹

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Este trabalho tem como finalidade apresentar uma visão dos primórdios do sistema literário brasileiro. Para tanto, apresentamos as primeiras iniciativas de sistematização da literatura brasileira, as quais aconteceram no século XVIII, a fim de servirem como fundamentação teórica do trabalho. Em seguida, localizamos subsídios no poema épico *O Uruguai*, de autoria de Basílio da Gama, que atestam que os primeiros passos do sistema literário brasileiro foram dados no momento em que surgia o poema em tela.

Palavras-chaves: literatura brasileira; sistema literário; poesia.

Résumé: Ce travail présente une vision des premiers pas du système littéraire brésilien. Pour cela nous sommes allés jusqu'au XVIIIe siècle afin de trouver les premières initiatives de systématisation de la littérature brésilienne, qui ont servi de référentiel théorique à ce travail. Puis, nous nous sommes basé sur le poème *O Uruguai*, de l'auteur Basílio da Gama, pour montrer que les commencements du système littéraire brésilien se sont produit au même moment que ce poème.

Mots Clés : littérature brésilienne; système littéraire; poésie.

Introdução

O sistema literário brasileiro estabeleceu os alicerces em meados do século XVIII. Antes dessa época, não existia um sistema literário propriamente dito. As manifestações literárias eram influenciadas por autores de origem neolatina, particularmente os portugueses e os franceses.

1. Trabalho apresentado como parte da avaliação final da disciplina Literatura Brasileira I - Formação, ministrada pelo Professor Ricardo Postal, tendo sido orientado por esse docente.

Depois desse período, essa influência foi diminuindo gradativamente.

Sistema literário, segundo Candido (1961), é um “sistema de obras ligadas por denominadores comuns”:

“Por um lado, temos (como denominadores comuns) elementos internos que concorrem para articular as obras: língua, temas e imagens partilhados. Por outro, temos elementos externos decisivos para esta articulação: 1) conjunto de produtores mais ou menos conscientes de seu papel; 2) conjunto de receptores; 3) mecanismo transmissor, de modo geral, uma linguagem traduzida em estilos”. (CANDIDO, 1961: 25).

Candido (1961) complementa a definição de sistema literário quando diz que esses denominadores comuns nos permitem reconhecer as notas dominantes duma fase e “fazem da literatura aspecto orgânico da civilização”.

Os dois primeiros séculos da colonização portuguesa no Brasil foram pautados por uma série de relatos de escritores, narrando diversas visões da nova terra lusitana, a qual era bem diferente das plagas europeias. Esses escritos apresentavam o Brasil como uma espécie de oásis, um território onde a natureza era abundante:

“O Novo Mundo passa a fazer parte da ratio ocidental, representado segundo dois conjuntos de imagens. Quanto à terra, o maravilhoso, o deslumbramento, quanto ao gentio, o trauma, da diferença. O encontro e a conseqüente experiência da alteridade foram surpreendentes e traumáticos. [...] No caso brasileiro, o primeiro contato causou franco deslumbramento. A ingenuidade e a pureza supostas do índio faziam com que se reforçasse a ideia de que os europeus haviam encontrado o Éden, estando, assim, diante dos habitantes do paraíso [...]”. (SILVEIRA, 2007: 66).

A ideia do novo, como nos fala Silveira (2007), provocava os lusos e os instava a pensar sobre o Novo Mundo. Nesse período, houve uma espécie de reestruturação do material literário antigo, de forma a fazer com que este se adaptasse às novas condições encontradas na Colônia e se moldasse melhor à realidade brasileira. O trabalho dos jesuítas na adequação da literatura foi marcante:

“Os jesuítas, em particular José de Anchieta, trouxeram para o Brasil a fonte medieval da poesia de língua portuguesa; trouxeram também um pouco da experiência da língua latina e, aqui chegando foram os primeiros a tentar o aproveitamento poético da língua indígena”. (FAUSTINO, 2003: 44).

Percebe-se, assim, um acomodamento no pensamento dos escritores do período, pois era necessário explorar a Colônia, adaptando a mentalidade portuguesa aos fatos vividos na Terra de Santa Cruz, onde ocorriam os primeiros encontros da língua latina com os idiomas indígenas brasileiros.

Considerando-se essa conjuntura, o objetivo do presente trabalho é apresentar uma visão dos primórdios do sistema literário brasileiro. Por entendermos que a literatura brasileira, como sistema, somente começou a se consolidar em meados do século XVIII, não abordamos as manifestações literárias surgidas antes desse período. O trabalho se inicia com uma apresentação das origens do sistema literário brasileiro. Em seguida foi feito um estudo do poema épico *O Uruguai*, de autoria de Basílio da Gama, recorrendo-se a opiniões de críticos sobre o poema, no sentido de trazer subsídios que atestam que os primeiros passos do sistema literário brasileiro foram dados no momento em que surgia o poema em tela.

I. As origens do sistema literário brasileiro

A literatura do Brasil, nos dois primeiros séculos de dominação portuguesa, foi se configurando passo a passo, forjando-se assim, desde o princípio, num misto de estrangeirismo e brasilidade, uma vez que Portugal controlava ao máximo as manifestações literárias desenvolvidas na Colônia, devido às características do Pacto Colonial:

“Desde as origens, portanto, um hiato entre o Brasil que se vai descobrindo pela palavra escrita e o Brasil tal como se vai estruturando no concreto. Ao mesmo tempo que vai desenrolando a descoberta retórica, o verdadeiro país vai-se configurando: evangelização a ferro e a fogo, ocupação violenta do solo; medo e exorcismo diante de uma natureza que vira de cabeça para baixo o ciclo sazonal já domesticado na Europa; estruturação da propriedade, da família, do poder; latifúndio, homens dispersos, cana, minas, escravidão”. (MEYER, 2001: 20).

No início do século XVIII, procurando traçar um perfil das terras brasileiras, Pita (1730) as elogiava, relatando “[...] Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bela [...] É enfim o Brasil Terreal, paraíso descoberto [...]”. Esse texto traz para a literatura da época uma visão de como o português analisava suas terras coloniais.

Até princípios do século XVIII, as obras literárias, bem como os escritores brasileiros, não tinham quase nenhum relacionamento entre si:

“[...] as manifestações culturais não apresentavam qualquer nexo entre si, pois a vida dos poucos centros urbanos ainda não propiciava condições para socializar o fenômeno literário. Foi necessário esperar pela cristalização de algumas comunidades (a Bahia, o Rio de Janeiro, algumas cidades de Minas) que a economia do ouro

reanimara, para ver religiosos, militares, desembargadores, altos funcionários, reunidos em grêmios eruditos e literários a exemplo dos que então proliferavam em Portugal e em toda a Europa”. (BOSI, 1994: 48).

Nessa época, criaram-se as primeiras academias literárias brasileiras. A Academia Brasílica dos Esquecidos (1724) e a Academia Brasílica dos Renascidos (1759), ambas surgidas na Bahia, são os primeiros exemplos, mas existiram outras. Isso demonstra o início de um pensamento de grupo, no seio dos que faziam literatura:

“As academias e os atos acadêmicos significam que a Colônia já dispunha, na primeira metade do século XVIII, de razoável consistência grupal. E embora se tenham restringido a imitar os sestros da Europa barroca, já puderam nutrir-se da história local, debruçando-se sobre os embates com os holandeses no Nordeste ou sobre as bandeiras e o ciclo mineiro no Centro-Sul”. (BOSI, 1994: 51).

As academias literárias desempenharam um papel marcante. Essas instituições realizavam sessões ordinárias frequentes e planejadas. Nelas, eram celebradas datas importantes, dando destaque a pessoas e fatos relevantes, o que contribuiu sobremaneira para o fortalecimento do sistema literário porque se começava a pesquisar, a estudar e a organizar as manifestações literárias que surgiam no território brasileiro.

A partir de 1760, iniciam-se os procedimentos para ser realizada a transferência da capital da Colônia de Salvador para o Rio de Janeiro. Nesse período, pode-se dizer que o sistema literário brasileiro já começa a se configurar:

“Poderíamos talvez esquematizá-lo (o sistema literário brasileiro), distinguindo na literatura brasileira três etapas: [...] 2. (a segunda etapa) A era de configuração do sistema literário, do meio do século XVIII à segunda metade do século XIX; [...] Nessa etapa, assistimos: 1. À transformação do Barroco; 2. Às tentativas de renovação arcádica e neoclássica; [...]” (CANDIDO, 1981: 11).

À medida que as obras brasileiras amadureciam, elas começavam a ser difundidas pelo território, ganhando uma atividade mais regular. Os escritores iam se firmando mais e o sistema literário ia se estabelecendo pouco a pouco. Isso proporcionou o surgimento de uma verdadeira “vida literária” na Colônia. A partir daí, o sistema literário brasileiro começou a se alicerçar. Vejamos abaixo as bases para a configuração desse sistema:

“Entendo aqui por sistema a articulação dos elementos que constituem a atividade literária regular: *autores* formando um conjunto virtual, e *veículos* que permitem o seu relacionamento, definindo uma «vida literária»: *públicos*, restritos ou amplos, capazes de ler ou ouvir as obras, permitindo com isso que elas circulem e atuem; *tradição*, que é o reconhecimento de obras e autores precedentes, funcionando como exemplo ou justificativa daquilo que se quer fazer, mesmo que seja para rejeitar”. (CANDIDO, 1981: 16).

Discorrendo sobre os três elementos que se articulam para constituir uma atividade literária regular, segundo Candido (1981), verifica-se que, sob o ponto de vista dos autores, o Arcadismo trouxe consigo uma nova geração de escritores que começava a formar um conjunto pensante e reflexivo. A partir de meados do século XVIII, tanto os veículos como os autores brasileiros começaram a se relacionar mais amiúde e isso viria a caracterizar o início da já citada vida literária:

“À medida que se prossegue no tempo, vai-se passando de um Arcadismo *tout court* (os sonetos de Cláudio Manuel da Costa, por exemplo), ao engajamento pombalino da épica de Basílio da Gama, para chegarmos enfim à sátira política, velada no Gonzaga das *Cartas Chilenas*, mas aberta no *Desertor* de Silva Alvarenga”. (BOSI, 1994: 55).

A respeito de um público capaz de ler as obras e permitir que elas circulassem pelo território, prosseguindo na definição de sistema literário, segundo Candido (1981), percebe-se que, quando da constituição das academias literárias brasileiras, na primeira metade do século XVIII, isso passou a acontecer de forma mais sistemática e técnica:

“Essas agremiações (as academias literárias) [...] dedicaram-se às tarefas básicas do exercício literário e da educação do gosto, devendo-se-lhes tanto a manutenção e o desenvolvimento da vida literária no país, como a primeira orientação dessa prática cultural. Mais tarde entre os árcades – em particular os mineiros – tornou-se corrente a intercomunicação literária, realizada tanto na troca de opiniões sobre aspectos de natureza técnica, como na apreciação recíproca das obras produzidas”. (CHAVES, 1997: 26).

Passamos, então, ao último elemento que compõe um sistema literário, segundo Candido (1981), a tradição. Ela é definida como sendo o reconhecimento das obras literárias e dos autores que compõem esse sistema. Diante do exposto, observa-se que os escritores árcades começavam a ser reconhecidos pelo público, ainda que de maneira exígua, passando a ser admirados e respeitados. Isso ia caracterizando uma transmissão de práticas e de valores literários brasileiros, de geração em geração:

“Antes de mais nada (os escritores árcades) formam um conjunto muito mais numeroso, com sete ou oito escritores eminentes e mais de uma dezena de outros em boa segunda plana. [...] Uns viveram de Portugal, sem ligação com a vida cultural bruxuleante da sua terra, como Santa Rita Durão, Basílio da Gama, Caldas Barbosa. Outros, depois de iniciados lá na literatura, conviveram aqui, como Cláudio, Alvarenga Peixoto e Gonzaga [...], formando um grupo com outros letrados de menor porte – esta seria a impropriamente denominada «Escola Mineira». No Rio de Janeiro, Silva Alvarenga foi centro de um círculo ilustrado e militante, que animou a sociedade literária (1786-1790 e 1794) [...]”. (CANDIDO, 1981: 84).

Ao discorrermos sobre as origens da literatura no Brasil, verifica-se que o sistema literário brasileiro foi se formando a partir do surgimento de autores que comungavam dos mesmos princípios e que se intercomunicavam como, por exemplo, o conjunto dos poetas árcades. Observa-se também o aparecimento de um público leitor que começava a se interessar pelas obras que eram produzidas. Essas obras passariam a ser reconhecidas pouco a pouco, ao longo do território, legando tradição aos leitores que viriam a formar as futuras gerações de brasileiros. Isso começava a acontecer em meados do século XVIII.

2. O poema épico “O Uruguai”

O Uruguai é uma epopeia brasileira. Um poema escrito em cinco cantos e disposto em estrofes livres:

“*O Uruguai*, a obra mais importante de Basílio, é um poema em cinco cantos, em versos brancos e estrofação livre, de ação limitada: narra a expedição empreendida por espanhóis e portugueses contra os índios e jesuítas habitantes da Colônia de Sete Povos das Missões

do Uruguai, que segundo o Tratado de Madri, de 1750, deveria passar a pertencer a Portugal, em troca da Colônia do Santíssimo Sacramento, possessão portuguesa encravada em águas e território espanhol”. (COUTINHO, 1999: 248)

Quando verificamos o clima que caracterizou o período em que foi escrito *O Uruguai*, ou seja, meados do século XVIII, temos a impressão do surgimento de uma nova onda de escritores, um grupo engajado e comprometido com o seu tempo, no qual se insere Basílio da Gama:

“Enquanto Santa Maria Itaparica e Santa Rita Durão já eram sexagenários à publicação de seus livros, José Basílio da Gama ainda não contava 30 anos de idade quando fez imprimir o *Uruguai*. E pertencendo, de fato, a uma nova geração, pode dizer-se, comparando-o àqueles, que era também o representante de uma sensibilidade nova”. (HOLANDA, 2000: 116).

Ao escrever o seu poema épico, Basílio da Gama foi saudado com entusiasmo pelos árcades do seu tempo, como se vê abaixo:

“O verdadeiro coro de aplausos com que os nossos árcades saúdam, ao seu aparecimento, *O Uruguai*, bem pode ter significado lisonjeiro para sua condição de filhos do novo continente: na epopéia de Basílio da Gama, o sentimento brasileiro encontrava apoio, finalmente, para aquela reconciliação agora lícita”. (HOLANDA, 2000: 117).

A crítica literária da época também reconheceu o poema de Basílio:

“As duas primeiras críticas poéticas da épica basiliiana de que temos notícia foram publicadas em 1769, em anexo à própria edição *princeps* de *O Uruguai*. Trata-se dos sonetos *Parece-me que vejo a*

grossa enchente (Brandão, 1769) e *Entro pelo Uruguai: vejo a cultura* (Peixoto, 1769), de autoria, respectivamente de Joaquim Inácio de Seixas Brandão e de Inácio José de Alvarenga Peixoto, poetas brasileiros que na altura eram companheiros de José Basílio na corte lisboeta”. (CHAVES, 1997: 79).

Basílio da Gama parecia ter consciência, a respeito da dimensão da obra que produziu no tocante ao público que viria a ler *O Uruguai*:

“Neste sentido, diríamos que o autor de *O Uruguai* desejou, ou mesmo necessitou dirigir-se a determinado grupo de leitores. Ao mesmo tempo, procurou atingir outro grupo que, por condicionalismos históricos, não quis – ou não pôde – buscar em exclusivo e que possivelmente nem sequer conseguiria alcançar. [...] E o destinatário coletivo aponta para um público (ou para uma sucessão de públicos) que, fora do circuito do poder, de que é prisioneira a maior parte da produção literária até o século XIX, permitiria a *O Uruguai* inscrever-se efetivamente na história das literaturas de língua portuguesa, sobretudo na da literatura brasileira”. (CHAVES, 1997: 32).

A escrita da epopeia brasileira foge dos padrões tradicionais portugueses vigentes na época, os quais se baseavam, mormente, na mitologia e na divisão dos poemas em estrofes rimadas. Basílio nos apresenta versos brancos, os quais lhe dão liberdade de criação e se apoia em tradições indígenas para compor o seu poema. Além da atenção ao índio, o que se caracterizaria como um tema literário brasileiro, também se observa, no poema, argumentos do período do arcadismo, tais como a narrativa passada num ambiente em que se ressalta a natureza e a busca pelo prazer dos sentidos.

Parece que Basílio da Gama estava certo de que *O Uruguai* iria se perenizar. No “Canto V”, investido do eu épico, fez um apelo que sensibilizaria os brasileiros, prenunciando um público com capacidade de ler:

“[...] Serás lido, Uruguai. Cubra os meus olhos
Embora um dia a escura noite eterna.
Tu vives e goza a luz serena e pura.
Vai aos bosques de Arcádia: e não receies
Chegar desconhecido àquela areia.
Ali de fresco entre as sombrias murtas
Urna triste a Mireo não todo encerra.
Leva de estranho céu, sobre ela espalha
Co’a peregrina mão bárbaras flores.
E busca o sucessor, que te encaminhe
Ao teu lugar, que há muito que te espera. [...]”. (GAMA, 1759).

Ressaltamos a importância de José Basílio da Gama para as origens do sistema literário brasileiro. Ele era jovem na época em que escreveu o poema e tinha contatos com a Arcádia Romana, na qual foi admitido aos 25 anos de idade, prenunciando vir a ser um autor de prestígio no cenário literário:

“No volumoso códice (de admissão da Arcádia Romana) que abrange a relação completa dos sócios inscritos entre os anos de 1743 e 1824, o nome do brasileiro aparece entre os que entraram antes de 1766 com a seguinte indicação: «De Gama» [...]”. (HOLANDA, 2000: 119).

Desejamos propor uma relação bastante próxima entre a epopeia de Basílio da Gama e os primórdios do sistema literário brasileiro. *O Uruguai* é um marco de inovação na literatura da Colônia. O poema traduz uma criatividade de pensamento e um bom encadeamento literário. Isso pode

ser observado no “Canto I”, quando o autor, investido do eu épico, avisa que está trazendo algo novo:

“[...] Protegeí os meus versos. Possa entanto
Acostumar ao vôo às novas asas
Em que um dia vos leve. Desta sorte
Medrosa deixa o ninho a vez primeira
Águia, que depois foge à humilde terra
E vai ver de mais perto no ar vazio
O espaço azul, onde não chega o raio[...]”. (GAMA, 1759).

O poema é construído em versos decassílabos, podendo-se encontrar várias métricas, ao longo do mesmo:

“[...] a metrificação do *Uraguai* é das mais variadas, encontrando-se praticamente todas as suas formas nos cinco cantos do poema, com ligeiro predomínio das alternâncias combinativas, ou seja, do ritmo que se poderia chamar de sincopado. [...] A alternância combinada, com essas oscilações de ritmo que muitas vezes embarçam o leitor, visa, principalmente, a quebrar a monotonia do decassílabo de acentuação fixa, o que Basílio consegue plenamente”. (COUTINHO, 1999: 253).

Basílio emprega livremente as elisões, no intuito de construir uma métrica plausível, no uso dos versos decassílabos. É comum o autor empregar *co’ a*, ao invés de *com a*, como visto acima, no “Canto V”. Observa-se, também, o uso de decassílabos formados apenas de duas palavras como se vê no verso “Hipocrisia vagarosamente”. É mais uma prova da criatividade do autor.

O *Uraguai* possui citações extraídas de autores que se constituíram em marcantes referências literárias da época em que viveram, tais como

o romano Virgílio, o italiano Petrarca, o português Camões e o francês Voltaire, no entanto, para um leitor do seu tempo era possível ler o poema normalmente:

“A linguagem direta e sem artifícios faz com que o *Uraguai* possa ser lido ainda hoje com facilidade, sem obrigar o leitor médio a exercícios gramaticais e consultas a dicionários de mitologia para elucidar trechos complicados. Serviu-se Basílio quase que somente da adjetivação, vindo em seguida a metáfora e, em escala bem mais reduzida, o símile”. (COUTINHO, 1999: 250).

O resultado alcançado por Basílio da Gama no seu *O Uraguai* é de ser notado. Veja-se a passagem do suicídio de Lindoia, no Canto IV:

[...] Um frio susto corre pelas veias
De Caitutu, que deixa os seus no campo;
E a irmã por entre as sombras do arvoredo
Busca co'a vista, e teme de encontrá-la.
[...] Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a mísera Lindóia.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um fúnebre cipreste, que espalhava
Melancólica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia, e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio. [...]”. (GAMA, 1759).

Essa epopeia brasileira nos apresenta o tema do índio, ressaltando seu ambiente natural e seus sentimentos. Traz, também, de maneira clara

e simples uma narrativa e um lirismo que prendem o leitor do seu tempo pela criatividade do texto que vai num crescente até a apoteose, que é o suicídio de Lindoia.

Ainda sobre a morte de Lindoia e a escrita de Basílio:

“[...] Ao libertar-se das prescrições determinadas pela épica, Basílio da Gama podia criar segundo os cânones líricos da Arcádia e, portanto, alcançar resultados mais satisfatórios: é o caso do suicídio de Lindoia, ponto máximo do *Uruguai* e das páginas antológicas de nossa poesia setecentista”. (MOISÉS, 2005: 108).

Consideramos, portanto, o poema como sendo uma obra inovadora, criativa e bem trabalhada. A atenção para com um tema genuinamente brasileiro, o índio e seu universo; a liberdade de criação do autor, materializada por meio de versos brancos; a força da escrita de suas estrofes livres, bem trabalhadas nas palavras e nas frases decassílabas; e a inserção de argumentos defendidos pelos poetas árcades, tais como a natureza e a busca do prazer são provas da densidade dessa obra épica. Acreditamos assim que *O Uruguai*, de autoria de Basílio da Gama, lançado em meados do século XVIII, possa ser designado como um ponto de referência para a nossa literatura. Nessa mesma época estava começando a se configurar o sistema literário brasileiro.

3. Conclusão

O processo de amadurecimento literário brasileiro ocorreu de maneira paulatina. Nos primeiros dois séculos da colonização, Portugal controlava ao máximo as atividades literárias desenvolvidas no Brasil. Foi somente a partir de meados do século XVIII que surgiram os primeiros sinais do sistema literário brasileiro, uma vez que o público leitor amadurecia e as

obras lançadas cresciam em importância e densidade, adquirindo condições de ser legadas à posteridade.

Por esse tempo, José Basílio da Gama, que não completara ainda 30 anos de idade, lançou *O Uruguai*, poema épico brasileiro que viria a ser saudado com entusiasmo pela crítica da sua época. Basílio fazia parte de uma geração nova de escritores, os nossos árcades, um conjunto de poetas que conversava entre si e começava a difundir o sentimento brasileiro ao público leitor.

Basílio da Gama traz para o seu texto a tendência inovadora dos árcades, que de forma pioneira no Brasil, inserem o lirismo no cenário indígena. A harmonia no emprego das palavras e na construção dos versos, bem como o resultado que se pode observar no ritmo do poema, são prova da criatividade do autor, que estava inspirado, ao compor seu trabalho.

A relação entre o poema épico composto por Basílio da Gama e o surgimento do sistema literário brasileiro é notória. A mentalidade literária da época se impregnava de ideias novas, buscando formas e temáticas brasileiras. As instituições literárias se fortaleciam e os leitores amadureciam, começando a demonstrar interesse pelo que era, de fato, verdadeiramente brasileiro. Figura nesse universo, em posição de destaque, o poema *O Uruguai*, lídimo representante de um momento que marcaria os primórdios do sistema literário brasileiro.

Referências Bibliográficas

- BOSI, Alfredo (1994). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix.
- CANDIDO, Antonio (1961). *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins.
- _____. (1981). *Formação da literatura no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- _____. (2007). *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul.

CHAVES, Vânia Pinheiro (1997). *O Uruguai e a fundação da literatura brasileira*. Campinas: UNICAMP.

COUTINHO, A. (1999). *A literatura no Brasil*. 5. Ed. v. 2. São Paulo: Global.

FAUSTINO, M. (2003). *De Anchieta aos concretos*. São Paulo: Cia das Letras.

GAMA, José Basílio da (1769). *O Uruguai*. Lisboa: [s.n.]. Disponível em <<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/basiliodagama/uraguai.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2011.

HOLANDA, S. B. (2000). *Capítulos da literatura colonial*. São Paulo: Brasiliense.

LITERATURA. In: *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Pliberam Informática, 1998. Disponível em <<http://www.pliberam.pt>>. Acesso em: 7 nov. 2010.

MEYER, Marlise (2001). *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: EDUSP.

MOISÉS, M. (2005). *A literatura brasileira através dos tempos*. São Paulo: Cultrix.

PITA, S. da R. (1730). *História da América Portuguesa*. Lisboa: [s.n.]. Disponível em <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01495300#page/12/mode/1up>> Acesso em 25 ago. 2011.

SILVEIRA, E. (2007). *Tupi or not tupi: nação e nacionalidade em José de Alencar e Oswald de Andrade*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS.

TRADUÇÃO. In: *Dicionário Michaelis*. São Paulo: Ed Melhoramentos, 2009. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 02 nov. 2010.